

Podcast Meio-Fio
Projeto TraDUS
Episódio: Diversidade Territorial - Parte 02

Apresentação: Hector Sousa
Entrevista: Ana Paula Bruno
Convidado: Claudio Stenner

[Hector Sousa]: Bem vinda e bem-vindo ao podcast meio-fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável. Se você chegou aqui antes de ouvir nosso episódio anterior, recomendo voltar um pouquinho no feed. Esta é a segunda parte da conversa que tivemos com a Ana Paula Bruno e o Cláudio Stenner sobre Diversidade Territorial. Na primeira parte falamos sobre o que abarca as características de cada região, as relações entre as cidades e suas conexões, as características que tornam as cidades únicas e também o que elas têm em comum. Como o Cláudio é diretor de geociências do IBGE, nessa segunda parte da conversa falamos um pouco sobre a atuação do Instituto, das suas pesquisas, inclusive, falamos sobre o censo do ano que vem que está chegando aí. Então vamos ouvir o papo?

[VINHETA]

[Ana Paula Bruno]: Então, Cláudio. E aí, assim, dentro desses estudos vários, eu gosto muito de tipologia Rural e Urbana, isso deu uma virada assim, na minha cabeça quando vocês apresentaram esse trabalho. E a gente enxerga ali que cerca de 60% dos municípios brasileiros estão inseridos em dinâmicas rurais, têm dinâmicas rurais, eu não sei se eu posso dizer assim, esse é um estudo superinteressante e queria que você comentasse ele um pouco.

[Cláudio Stenner]: Esse estudo nós fizemos um estudo buscando compreender melhor a classificação de rural e urbano que é uma classificação clássica né, é muito antiga. Mas é cada vez mais difícil, na verdade, a gente estabelecer o limite entre rural e urbano. Então, por exemplo, a pandemia até reforça isso, do covid 19, a partir do momento que você tem várias pessoas com ocupações tipicamente, vou chamar assim, urbanas migrando para o entorno rural, pela amenidade e tal, e pela condição de realizar aquilo de teletrabalho, já que a pandemia acelerou em alguns casos a implementação do teletrabalho, então tem sempre uma zona cinza entre o que é urbano e rural no sistema de classificação. Mas o que que a gente busca fazer, é justamente aquele olhar multiescalar e relacional. Então quer dizer, aonde uma localidade está importa, e importa muito, então é muito diferente

uma localidade até de pequeno porte mas tá lá do ladinho de Campinas, de uma localidade de pequeno porte que tá lá no meio da floresta amazônica.

Então o cotidiano de uma pessoa que vive nesta localidade perto de Campinas é muito diferente do cotidiano daquela outra pessoa que vive a 300km de Tefé, por exemplo, então, isso a gente tem que levar em conta quando se faz uma classificação nacional. Nesse trabalho a gente buscou classificar os municípios, se o município ele tem uma característica predominantemente rural ou predominantemente urbano, com algumas escalas intermediárias, esse foi o trabalho. Aí fugindo da classificação tradicional do rural/urbano, que era utilizado no Brasil, a gente encontrou isso, que o grande número de municípios, não me recordo de cabeça agora, em torno de 60% estão classificados como uma dinâmica predominantemente rural. Não é que ele não tenha um núcleo, um arruamento, não, esse não é, esse fator morfológico local não foi isso levado em conta e sim a relação do tamanho dessa área com aspecto morfológico urbano e onde ela está situada em relação a centros com características urbanas maiores, então assim a gente fez essa classificação pra ter essa visão um pouco mais rica da classificação rural e urbano.

[Ana Paula Bruno]: E eu sei que vocês começaram a fazer esse trabalho já com um olhar no próximo censo, né Cláudio? Com toda uma preocupação de qualificar esses dados sobre a população urbana e população rural, que faz a gente entender melhor nossas cidades, para que a gente pode ter cidades, por exemplo, nesse caso com tipologia rural e urbana inseridas no contexto rural, no contexto de dinâmica rural, e é claro isso tem impacto que a gente trabalha pelo desenvolvimento urbano, quer dizer, o ordenamento territorial desse município é muito diferente do que a gente pensa com o ordenamento territorial de um município muito mais urbanizado e com característica urbana. E vocês tão aí nessa busca numa preocupação de ter, claro, a estatística comparada de rural e urbano, série histórica, mas também conseguir construir esse olhar mais diverso entre essas duas pontas.

[Cláudio Stenner]: Esse trabalho, é o primeiro trabalho de classificação rural/urbana nessa metodologia que a gente propõe, a gente continua fazendo o que? Bom, agora a gente tá trabalhando no mapeamento de todas as, essas feições morfológicamente urbanas, aí com arruamento, casinhas próximas uma das outras e tal, todas, inclusive as bem pequeninhas, com 10 domicílios, a partir de 10 domicílios, a gente tá mapeando isso. Porque isso no meu ponto de vista não é exatamente urbano e rural, mas identificar esses núcleos mais densos na ocupação do território é muito importante para política pública, se eu for pensar por exemplo em cobertura de telefonia móvel, de internet ou um programa que visa a distribuição de água, ou saúde pública, educação, qualquer serviço público, eu tenho que saber onde a população tá no território e como ela estar, esse que é o objetivo. É muito diferente, saber se a população está concentrada em pequenos povoados rurais, cada uma com, sei lá, 100 domicílios, ou se ela está dispersa no território,

cada casa dois quilômetros uma da outra, então a política de abastecimento d'água para esse pequeno núcleo vai ser uma, vou ter lá algum sistema de distribuição centralizado, já numa área de casa dispersa não vou fazer um sistema de coleta de esgoto, por exemplo, não tem sentido. Então conhecer essa diversidade é extremamente importante para isso, para a cidade saber seu limite.

[Ana Paula Bruno]: Vocês estão mapeando as áreas urbanizadas, são aquelas que vocês olham a imagem aérea e tem característica urbana, de cidade, e aí vocês vão lá, foto por foto, delimitando esses lugares. Isso é pra entender dentro de cada município, em um país, como que a população está distribuída no território. Porque é isso você falou, eu posso ter um município em que todas as pessoas moram em uma única área urbanizada contínua, ou um município, vamos supor, com a mesma população, mas tá dividida em vários núcleos espalhados pela cidade, e isso vai ter consequências, como eu distribuo serviço público, se precisa de estrada, de sinal, quer dizer, tem uma outra lógica, e isso vai se somar com esse estudo da tipologia do rural e urbano, e tudo isso olhando pro censo...

[Cláudio Stenner]: É, exatamente, esse complemento ele vai adicionar uma outra camada neste estudo desta tipologia rural/urbana, a gente vai continuar com tipologia de município, mas a gente pode enriquecer essa tipologia, né? Porque como a Ana comentou, você tem o município, mesmo que a gente considere a noção mais clássica de rural e urbano, então a população rural distribuída em povoados é diferente de uma população rural dispersa no território, que é diferente daquele município que já não tá mais na sede. Então, a gente vai dar conta de poder entender melhor essa distribuição com esse trabalho. E como é que se relaciona com o censo? Bom, com isso a gente pode gerar áreas de divulgação do censo mais precisas e de mais qualidades, então posso ter a população e os dados do censo relativos a cada um desses pequenos povoados com muito mais precisão. Então, eu tenho um ganho muito grande na divulgação do censo, e o censo ajuda na melhoria deste trabalho, porque como a gente fez... A gente fez uma varredura prévia, mas o censo pode indicar ainda áreas, como todos os domicílios são georreferenciados, o agente do IBGE pega a coordenada do satélite daquele município para fazer uma entrevista, então a gente consegue identificar onde é que tem concentração de domicílios, então se eventualmente ficou faltando alguma área dessas que a gente não identificou, com o dado do censo a gente consegue complementar e mapear essas áreas que eventualmente podem ter ficado faltando. Então a gente vai ter de fato um quadro bastante completo dessa distribuição dessas áreas com feição urbana do país com esse trabalho.

[Ana Paula Bruno]: Então a gente pode ter uma expectativa de ter cada vez mais uma visão melhor e uma compreensão melhor de como nosso urbano se organiza e se manifesta no país.

[Cláudio Stenner]: Não só o urbano, mas o rural também. Porque é isso, né, a gente tem também no censo a localização de cada município rural. Então, o plano é fazer melhorar essas tipologias que dão conta dessa distribuição da população do território, isso é o que tá planejado...

[Ana Paula Bruno]: Oh Cláudio, depois desses adiamentos, como tá a programação do censo?

[Cláudio Stenner]: Então, o censo tá confirmado para o ano que vem, ele vai ser realizado no ano que vem, normalmente. Apesar desses dois anos de adiamento, o ano que vem tá confirmado e vai ser realizado normalmente. Então com todas as... enfim, o questionário, a pesquisa do entorno...

[Ana Paula Bruno]: Que bom que você falou da pesquisa do entorno, porque esse era o lugar para onde eu queria te levar. Esse Podcast ele se chama Meio-Fio, que é o lugar mais próximo das pessoas, a gente fala "senta aqui no meio-fio e vamos conversar", mas a gente também sabe que nem todas as ruas e nem todas as casas tem meio-fio, esse meio-fio formal, construído. E a gente também sabe disso porque a gente teve oportunidade no censo de 2010 de ter a pesquisa de entorno de domicílios. E aí saber se isso vai... Você já deu aí uma deixa, se a gente vai ter isso no próximo censo, e o que fica, o que muda, o que que a gente pode ter de expectativa aí em relação a novos dados? E a gente sabe que as tecnologias estão ajudando muito, né Cláudio? Assim, a cada vez tem informações mais precisas, com todo sigilo que é necessário que o IBGE respeita, claro, mas que a gente do ponto de vista da Geografia tem essa informação.

[Cláudio Stenner]: Sim, perfeito. Vamos lá então. Antes eu quero reforçar um ponto que a Ana comentou, que isso é crucial pro IBGE, né. Que é o sigilo da informação. Isso é absolutamente garantido, né? O sigilo do informante, apesar da gente ter a localização dos domicílios, nenhuma informação do domicílio isolado jamais é publicada, então isso é ponto crucial. Então, a pesquisa do entorno dos domicílios, ela é feita um pouquinho antes do presenciador bater na casa de cada um. Tem um agente de pesquisa do IBGE né? Que ele percorre rua a rua de todas as cidades do Brasil, e ao percorrer rua a rua ele tem dois objetivos: um, ele faz um reconhecimento em território né?

Ele faz uma verificação da área que vai ser recenseada, então esse é um objetivo; e o outro objetivo, é justamente anotar algumas características daquele território em observação, ele vai cada lado, que a gente chama de face de quadra, cada lado de uma quadra, ele anota informações, é... vai anotar agora, né? A capacidade de circulação da via, se dá pra chegar naquela via que está em frente, de caminhão, carro, pedestre, só pedestre né? Ou se é ainda uma via agroviária. Se a via é pavimentada ou não, se tem ponto de ônibus identificado naquela via, se tem bueiro boca de lobo naquela daquela via, naquela face ali, naquele lado da quadra. Cada informação dessa pra cada lado, de

cada lado de cada quadra do país. São muitas milhões de faces de quadra. Se a via é sinalizada pra bicicleta, né? Naquela face ali. Se tem iluminação pública naquela face, se tem calçada, se tem rampa pra cadeirante, se tem obstáculos na calçada, né? É uma ideia de identificar se a calçada, aí tem todo o manual pra isso, mas se aquela calçada oferece uma boa, é...

[Ana Paula Bruno]: Acessibilidade.

[Cláudio Stenner]: Acessibilidade, exatamente. E por último se tem arborização naquela via, mas assim, esse a gente implementou, melhorou em relação ao último censo, que antes era só sim ou não, agora a resposta é sem árvores, de uma ou duas árvores, de três a quatro árvores, e cinco mais árvores. Pra gente ter de fato um panorama melhor da arborização urbana no Brasil. E essa informação, então, como a gente vai ter pra cada face de quadra, pra cada ladozinho de cada quadra do país, então, a gente pode tanger ela pelos pequenos povoados rurais, por exemplo, a detalhamento e dentro de cada bairro, de cada grande cidade. Então, é de fato uma informação de contexto ali, uma informação da infraestrutura urbana disponível em cada, em cada região, cada pedacinho de cada cidade do país, né? Em relação a 2010, o que tem de novidade? A gente fez uma adaptação, por exemplo a parte meio fio, né? Que é o nome do podcast. Que ela constava diretamente no de 2010, ela não foi retirada, mas a gente considerou que por análise da informação, que a informação de calçada passeio, que a gente colocou, já traz essa informação do meio-fio, então é não havia necessidade de repetir ela, e no lugar a gente colocou por exemplo a parte da via sinalizada para bicicleta, que não constava na operação anterior. São pequenas mudanças, mas no geral mantém os pontos centrais das duas, nas duas pesquisas.

[Hector Sousa]: Alguns movimentos sociais do nosso cotidiano mudaram com a pandemia, eu queria saber se o censo de alguma forma vai abordar isso, ou se vai ser uma pesquisa mais parecida com as que já tinham mesmo, sabe? As perguntas, ou se vai ter novas perguntas para abordar, como a pandemia acabou influenciando na vida dos cidadãos e a relação deles com a cidade.

[Cláudio Stenner]: Chegou-se a se pensar nisso, mas a princípio a gente não vai fazer perguntas especiais, é... por um motivo, é... o questionário, ele atende no geral a necessidade de informações, esse é o motivo principal ainda principal. E o outro é que mudanças no censo é uma coisa que tem que ser muito testada, porque é uma pergunta que vai ser feita pra milhões e milhões de pessoas, então o entendimento daquela pergunta tem que tá muito claro e certo, senão a gente gera uma, uma informação que não vai ser consistente. Então o IBGE é muito rigoroso nesse processo de testes, e é difícil enquadrar no cronograma né? Que parece que ano que vem tá longe, mas não, é aqui do lado, assim, é uma máquina muito grande, então tudo é feito com muita

antecedência. Então fica essas duas razões que o questionário é o mesmo que tava programado pra 2021.

[Ana Paula Bruno]: Se a gente pode ver alguma vantagem, né, no adiamento do censo, talvez, o momento exatamente, né, esperamos que, não digo talvez o final da pandemia, mas desse ciclo mais complicado, acho que ele vai trazer um retrato da mudança mesmo, né? O que é que aconteceu no país.

[Cláudio Stenner]: Sim, vai pegar uma realidade pós-pandemia, né? O censo, provavelmente é isso que ele vai retardar. O censo é sempre um retrato, né? Isso é inevitável, né? Então, esse retrato vai ser o retrato pós pandemia, infelizmente como o censo é feito de dez em dez anos, e não tem como ser diferente né? Porque é isso, é uma operação grande, cara, bastante difícil, é... a gente não consegue capturar o que aconteceu às vezes entre um censo e outro. Quando é um movimento mais, vamos dizer assim, em uma mesma direção, parecido, tudo bem, não tem tanto, a gente não perde tanto. Agora, especialmente nessa década, entre 2010 e 2020, nós tivemos vários movimentos diferentes. Tem momento de crescimento econômico, aí momentos de crise, aí uma recuperação, aí pandemia, então de fato o que a gente enquanto sociedade perde, é no detalhamento geográfico, né, porque a pnad consegue capturar esse movimento geral da sociedade, só não consegue capturar ali do município, no local que a gente não consegue, isso infelizmente a gente não consegue capturar o que ocorreu localmente, né, pra esse movimento da década.

[Hector Sousa]: O Cláudio falou sobre a PNAD, e para você que não conhece o termo, como eu também não conhecia. A PNAD é a pesquisa nacional de amostra de domicílios, realizada de forma contínua pelo IBGE. Ela nos dá uma visão geral do que está acontecendo no país, mas ainda assim não é tão profunda como o censo, então não vemos, por exemplo, as dinâmicas individuais de cada município em suas particularidades.

[Ana Paula Bruno]: Então, Cláudio nessa visão aí meio de impressões, né? Pensar um pouco o futuro, né? Queria te ouvir agora pra gente fechar mesmo, uma fala final, vou te agradecer muito por esse papo. Eu sei que você é muito mobilizado, e a gente segue com tantos desafios, que a gente se mobiliza, né, a gente acredita na transformação, a gente acredita que a gente pode ser um país melhor. Então queria que você navegasse por aí e conversasse com quem tá lá no meio-fio sobre os nossos desafios, o nosso futuro e como a gente atravessa tudo isso.

[Cláudio Stenner]: Primeiro eu gostaria de agradecer a oportunidade, o convite né? Por falar, né, com vocês, com a Ana Paula, o ouvinte, o Hector e a oportunidade de falar com todos vocês ,né? Eu... se me permite, eu queria fechar com uma reflexão que, é, acho que

bom dialoga com tudo isso, né? Que eu acho que é um aspecto muito interno a cidade, lá pertinho do meio-fio, né? As cidades... cidades são entidades vivas, né? São locais de relação, são essencialmente um espaço de relações, né? Mediado ali por uma... por um conjunto de ruas, um conjunto de edificações, mas o essencial são as relações que ali se desenvolvem. E as nossas cidades, todas as cidades, precisam de um componente essencial que é o componente do público, né? Da dimensão pública da cidade. E as cidades caminharam muito pro mundo privado, eu acho que a gente tem que fazer o movimento contrário, de revalorização do público, do espaço público, e eu falo espaço público aqui não necessariamente só a rua, a praça, isso sim, a rua, a praça viva é uma coisa é bonita e uma coisa social pra cidade, mas não só isso. Mais espaços onde as pessoas possam conviver publicamente fora do seu mundo privado ali. Isso é muito importante pra que a alma das cidades se mantenham vivas e que a cidade sejam, as pessoas sejam mais felizes, as cidades sejam mais produtivas. Então eu acho que a gente tem que caminhar nessa direção, mais público, né, e menos privado. Mais vida pública e menos privado. Acho que é isso gente, obrigado.

[Ana Paula Bruno]: Muito obrigada Cláudio.

[Hector Sousa]: Quero agradecer muito o Cláudio e a Ana pelo papo. E quero agradecer também a você, caro ouvinte que nos ouviu até aqui, esse papo muito legal, muito informativo. E até o próximo episódio e fique ligado nas redes do projeto traduz @projetotradus com S de sustentável. Cuidem das nossas cidades, se cuidem e até.

[Trilha]

[Hector Sousa]: Esse podcast foi apresentado e produzido por Hector Sousa e Ana Paula Bruno. Ele foi editado por Hector Sousa. O roteiro é uma construção coletiva. A Heloísa Diniz é a Coordenadora deste e de outros trabalhos de comunicação em mídias sociais do Projeto. Lauren Costa é a Coordenadora técnica e o Almir Mariano é o Coordenador acadêmico do Projeto TraDUS. Ela e ele são responsáveis por todas as nossas frentes de trabalho. Contamos também com o apoio valioso de alunas e alunos bolsistas para a pesquisa de conteúdos. Visitando nosso site você pode conhecer tudo o que fazemos e quem são as pessoas que trabalham no Projeto. O endereço é www.projetotradus.org.br. Nossas parceiras no Ministério do Desenvolvimento Regional são a Ana Paula Bruno, a Denise Schuler, a Fernanda Capdeville e a Raquel Furtado. Elas trabalham na Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Regional e Urbana, que é coordenada pela Laís Araújo.

[VINHETA]